

Caderno de Resumos

VII SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE ESTÁGIOS DE LICENCIATURA

Carlos Ventura Fonseca
Camille Johann Scholl
Gláucia Helena Motta Grohs
Daniel Bez
(Orgs.)

**Coordenadoria das Licenciaturas/Pró-Reitoria de Graduação
Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

Evento ocorrido de 22/11/2021 até 30/11/2021

CARLOS VENTURA FONSECA
GLÁUCIA HELENA MOTTA GROHS
CAMILLE JOHANN SCHOLL
DANIEL DE PAULA BEZ
(ORGS.)

CADERNO DE RESUMOS DO
VII SEMINÁRIO
DO PROGRAMA DE ESTÁGIOS DE LICENCIATURA

PORTO ALEGRE

UFRGS

2022

ISBN 978-65-5973-123-7

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

S471c

Seminário do Programa de Estágios de Licenciatura (7. : 2021 : Porto Alegre, RS).

Caderno de resumos do VII Seminário do Programa de Estágios de Licenciatura / Carlos Ventura Fonseca, Camille Johann Scholl, Gláucia Helena Motta Grohs, Daniel Bez (organizadores); – Porto Alegre : UFRGS, 2022.

36 p.

ISBN: 978-65-5973-123-7.

1. Evento 2. Programa Institucional de Estágios de Licenciatura 3. Formação de Professores 4. Educação I. Fonseca. Carlos Ventura II. Scholl, Camille Johann III. Grohs, Gláucia Helena Motta IV. Bez, Daniel V. Título.

CDU: 371.13:061.3

Bibliotecária: Ana Gabriela Clipes Ferreira CRB-10/1808

APRESENTAÇÃO

A Coordenadoria das Licenciaturas e o Programa de Estágios de Licenciatura apresentam o **Caderno de Resumos do VII Seminário do Programa de Estágios de Licenciatura** que ocorreu no período de 22/11/2021 até 30/11/2021. A sétima edição do Seminário do Programa de Estágios de Licenciatura foi um evento de extensão que buscou o compartilhamento das atividades de estágio obrigatório realizadas pelos estudantes de diferentes cursos de licenciatura da UFRGS. Evidentemente, que os diálogos estabelecidos durante o evento propiciaram não apenas a descrição, mas avançaram para o desenvolvimento de movimentos de reflexão crítica sobre os aspectos discutidos.

O ano de 2021 constituiu-se como um período de prolongamento da pandemia de Covid-19 e de seus efeitos devastadores e assombrosos para a sociedade brasileira e para o mundo. Estudantes e docentes, de diferentes ambientes educacionais, sofreram as consequências da necessidade de reincidência do ensino remoto emergencial. Por um lado, permaneceram as dificuldades ocasionadas pelo distanciamento entre os sujeitos envolvidos nos (desejados) processos de ensino e de aprendizagem, por outro, licenciandas/os buscaram aperfeiçoar as possíveis ferramentas e estratégias didáticas relacionadas ao formato remoto. Ainda assim, as assimetrias econômicas e sociais de diferentes comunidades e regiões não deixaram de apresentar-se como barreiras a serem problematizadas.

Neste seminário, estudantes e orientadoras/es (docentes da UFRGS), bem como supervisoras/es de estágios (docentes das escolas que receberam estagiárias/os) reuniram-se para debater os desafios vivenciados nessa etapa formativa. Planejamentos, relatos reflexivos, as interações (ainda que virtuais) com a sala de aula e com estudantes da Educação Básica, sentimentos, expectativas/ alegrias/ frustrações, aprendizagens, referenciais teóricos e sua relação com a prática docente foram temas das conversas que emergiram do evento em tela.

Evidenciamos, nesse evento, parte do potencial de nossa Universidade, com base em seu corpo de servidoras/es especializado na formação docente, com capacidade de proporcionar a consolidação de saberes ou conhecimentos típicos da/o futura/o professor/a, mesmo que saibamos da necessidade de que o aprendizado sobre o ofício do magistério seja prolongado, para além da formação acadêmica dita inicial. Contamos, ainda, com a participação e colaboração de colegas do Grupo de Trabalho (GT) Estágios e Práticas, criado em 28 de maio de 2020, a partir do Plenário da Coordenadoria das Licenciaturas. Os trabalhos deste evento foram apresentados no formato virtual de rodas de conversa, sendo inscritos na modalidade "resumo", os quais serão apresentados neste caderno (nas próximas páginas). Esperamos que esta produção acadêmica possa colaborar com o cenário educacional brasileiro, trazendo parte do trabalho desenvolvido na UFRGS, nesse período.

Boa leitura.

Professor Carlos Ventura Fonseca
Coordenador Geral do Evento
Coordenador do Programa de Incentivo aos Estágios de Docência
(COORLICEN/PROGRAD/UFRGS)

SUMÁRIO

Programação.....	1
1. O coro como um espaço de aprendizagem: experiências de Estágio de Docência em Música no município de Taquara- RS - Alex Barbosa da Silva (Estagiário) e Jusamara Souza (Orientadora).....	5
2. Aprender a ensinar música por meio de projetos de ensino: relato do estágio de docência em música no Colégio de Aplicação da UFRGS – Francis Ricardo Rocha Padilha (Estagiário) e Luciana Marta Del Bem (Orientadora).....	6
3. Experiência em estágio remoto no ensino fundamental – Mateus Fernandes de Souza (Estagiário) e Aline de Lima Rodrigues (Orientadora).....	7
4. Resumo – Andressa Reinheimer Salini (Estagiária) e Cláudia Rodrigues de Freitas (Orientadora).....	8
5. Educação geográfica em espaços educativos diversos durante o Ensino Remoto Emergencial: Estágio Supervisionado no Cursinho Popular Pré-vestibular Zumbi dos Palmares – Felipe Casanova (Estagiário), Laura Isabel dos Santos Flores (Estagiária), Denise Wildner Theves (Orientadora) e Élide Pasini Tonetto (Orientadora).....	9
6. Resumo – Ana Beatriz Ornelas (Estagiária) e Carla Beatriz Meinerz (Orientadora).....	10
7. Estágio Docente na Educação Especial os desafios da prática pedagógica em contexto de excepcionalidade sanitária – Laura Pereira Ferreira (Estagiária), Liliane Ferrari Giordani (Orientadora) e Graciele Marjana Kraemer (Orientadora).....	11
8. Resumo Estágio remoto no EJA: uma experiência na disciplina de Geografia – Bárbara Ortiz Costa (Estagiária) e Aline de Lima Rodrigues (Orientadora).....	12
9. Estágio em Geografia: experiências e desafios com o ensino remoto na educação básica – Isaac Goulart da Silva (Estagiário) e Aline de Lima Rodrigues (Orientadora).....	13

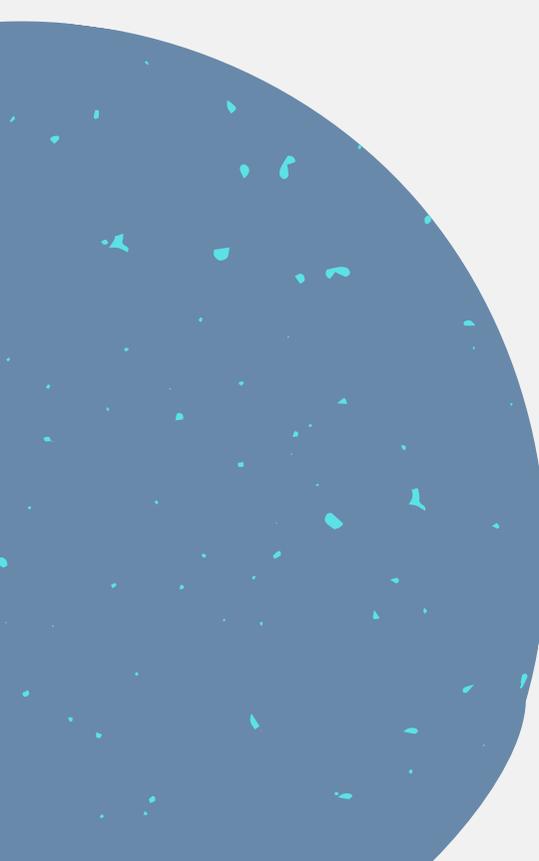
10. ...Desenhar a escola...Reencontrar a escola...Redesenhar a escola – Emanuel Rodrigues Kapczynski (Estagiário), Sthefânia Porto Bitencourt (estagiário), Thomaz Brasil (Estagiário) e Lisete Regina Bampi (Orientadora).....	14
11. Experiências do Estágio de Docência em Ciências da Natureza – Elizabeth Muriel Alfonso (Estagiária) e Aline Reis Calvo Hernandez (Orientadora).....	15
12. Resumo – Gabriela Duarte de Assis (Estagiária), Karine dos Santos (orientadora) e Mauricio Perondi (Orientador).....	16
13. Produção de Atividades de Matemática para alunos autistas – Douglas Machado dos Santos (Estagiário) e Andréia Dalcin (Orientadora).....	17
14. Experiências de Estágio em Educação Matemática II – André Brianci Mota (Estagiário) e Andréia Dalcin (Orientadora).....	18
15. Olhares Remotos: experiências de estágio na disciplina de percepção musical do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Porto Alegre – Alana Haase (Estagiária) e Jusamara Souza (Orientadora).....	19
16. O Ensino de Geografia com jovens e adultos: relatos de estágio na Escola Porto Alegre – Elizandra Maria Dullius (Estagiária), Mariana Nicolini Acosta (Estagiária), Denise Wildner Theves (Orientadora) e Élide Pasini Tonetto (Orientadora).....	20
17. Estágio Docente: experiências pedagógicas na Educação Especial em contexto de excepcionalidade sanitária – Kim Pessim (Estagiária), Graciele Marjana Kraemer (Orientadora) e Liliane Ferrari Giordani (Orientadora).....	21
18. Casas que conversam, um ambiente não formal – Emiliano Zuchetti Teixeira (Estagiário), Mateus Salvador Rosa (Estagiário), Denise Wildner Theves (Orientadora) e Élide Pasini Tonetto (Orientadora).....	22
19. O Ensino de Geografia a partir da contação de histórias: prática de Estágio na Escola Municipal Porto Alegre – Dafne Cavalheiro dos Santos (Estagiária), Manuela Dimer Duarte (Estagiária), Denise Wildner Theves (Orientadora) e Élide Pasini Tonetto (Orientadora).....	23
20. Relato de estágio docente em química: interações remotas com estudantes de um instituto federal - Fernanda Bianca Hesse (Estagiária) e Carlos Ventura Fonseca (Orientador).....	24



21. Experiências da formação docente na Pandemia: entre o retorno das aulas presenciais na Educação Básica e o Estágio Supervisionado em Geografia no Ensino Remoto Emergencial (ERE) – Pedro Henrique Razzia Lira (Estagiário), Emiliano Zuchetti Teixeira (Estagiário), Mariana Barth Presser (Estagiária), Élide Pasini Tonetto (Orientadora) e Denise Wildner Theves (Orientadora).....25

22. Jogo de bingo para abordagem dos conceitos de geometria molecular e polaridade: uma estratégia para promover o engajamento no ensino remoto – Rafael C. Brito (Estagiário), Andrey L. Czolpinski (Estagiário), Nathália M. Simon (Orientadora), Lívia Streit (Orientadora) e Daniele T. Raupp (Orientadora).....
.26

23. Prática de Estágio Docente: entre atividades síncronas e presenciais no retorno gradual da presencialidade da escola – Roberta Leistner Segal (Estagiária), Graciele Marjana Kraemer (Orientadora) e Liliane Ferrari Giordani (Orientadora).....
..27



PROGRAMAÇÃO

23/11

MESA DE ABERTURA

13h

Glauca Helena Motta Grohs (Coorlicen)

Carlos Ventura Fonseca (PIED/ Coorlicen)

Leonardo Sartori Porto – representante de Estágios da FACED

Demais participantes do GT ESTÁGIOS E PRÁTICAS / Coorlicen.

1º RODA DE CONVERSAS

23/11 – 13h30min

JUSAMARA SOUZA

ALEX BARBOSA

Música

LUCIANA MARTA DEL BEN

FRANCIS RICARDO ROCHA PADILHA

Música

MAURÍCIO PERONDI E KARINE DOS SANTOS

GABRIELA DUARTE DE ASSIS

Pedagogia

ALINE DE LIMA RODRIGUES

MATEUS FERNANDES DE SOUZA

Geografia Litoral

CLÁUDIA RODRIGUES DE FREITAS

ANDRESSA REINHEIMER SALINI

Pedagogia

DENISE WILDNER THEVES; ÉLIDA PASINI TONETTO.
FELIPE CASANOVA; LAURA ISABEL DOS SANTOS FLORES.

Geografia

CARLA BEATRIZ MEINERZ

ANA BEATRIZ ORNELAS

Ciências Sociais

Mediação:

Profa. Glauca Helena Motta Grohs (Coorlicen)

Link: <https://youtu.be/QldjEHdozO4>

2ª RODA DE CONVERSAS

23/11 – 18h30min

GRACIELE MARJANA KRAEMER
LAURA PEREIRA FERREIRA
Pedagogia

ALINE DE LIMA RODRIGUES
BÁRBARA ORTIZ COSTA
Geografia

ALINE DE LIMA RODRIGUES
ISAAC GOULART DA SILVA
Geografia

LISETE REGINA BAMPI
EMANUEL KAPCZYNSKI; STHEFÂNIA BITENCOURT.
Matemática

ALINE REIS CALVO HERNANDEZ
ELIZABETH MURIEL ALFONSO
Ciências da Natureza
Mediação:
Profa. Luciana Del-Ben

Link: <https://youtu.be/YhEzL8qdcZk>

3ª RODA DE CONVERSAS

25/11 – 13h30min

PROFESSORAS/ES CONVIDADAS/OS DE INSTITUIÇÕES EXTERNAS
SUPERVISORAS/ES DE ESTÁGIOS

EVELIN BIONDO
WILLIAN NITSCHKE
ALEXANDRA FONSECA
JOSIMAR VARGAS
FERNANDA BRITTO
MARIANE SOARES
MARCIA PUHL

DOCENTES QUE ORIENTAM ESTÁGIOS (UFRGS)
ANDRÉIA DALCIN
LEONARDO SARTORI PORTO

Mediação:
Prof. Carlos Ventura Fonseca

Link: <https://youtu.be/6FVwMU9CzBI>

4º RODA DE CONVERSAS

29/11 – 18h30min

ANDRÉIA DALCIN
DOUGLAS MACHADO DOS SANTOS
Matemática

ANDREIA DALCIN
ANDRÉ BRIANCE MOTA
Matemática

JUSAMARA SOUZA
ALANA HAASE MELLO
Música

DENISE WILDNER THEVES; ÉLIDA PASINI TONETTO.
MARIANA NICOLINI ACOSTA
Geografia

GRACIELE MARJANA KRAEMER
KIM PESSIM
Pedagogia

DENISE WILDNER THEVES; ÉLIDA PASINI TONETTO.
MATEUS SALVADOR DA ROSA; EMILIANO ZUCHETTI TEIXEIRA.
Geografia

Mediação:
Professoras: Denise Wildner Theves; Élida Pasini Tonetto.

Link: <https://youtu.be/vS8ocnn1nsY>

5ª RODA DE CONVERSAS

30/11 – 18h30min

DENISE WILDNER THEVES; ÉLIDA PASINI TONETTO.
MANUELA DIMER DUARTE; DAFNE CAVALHEIRO DOS SANTOS.
Geografia

CARLOS VENTURA FONSECA
FERNANDA BIANCA HESSE
Química

ÉLIDA PASINI TONETTO; DENISE WILDNER THEVES.
PEDRO HENRIQUE RAZZIA LIRA; EMILIANO ZUCHETTI TEIXEIRA; MARIANA BARTH PRESSER.
Geografia

DANIELE TRAJANO RAUPP
RAFAEL COSTA BRITO
Química

LILIANE FERRARI GIORDANI
ROBERTA LEISTNER SEGAL
Pedagogia

Mediação:
Prof. Carlos Ventura Fonseca

Link de Acesso: <https://youtu.be/NW3-Nh8081Q>

1. O coro como um espaço de aprendizagem: experiências de Estágio de Docência em Música no município de Taquara- RS

Alex Barbosa da Silva (Estagiário)

Jusamara Souza (Orientadora)

Curso: Licenciatura em Música

Como Licenciando em Música com Habilitação em Canto pelo Departamento de Música da UFRGS apresento um breve relato de minha experiência como estagiário em um coro misto durante o semestre 2021/1 na disciplina de Estágio de Docência em Música III. Neste período, ainda vivenciando o impacto da pandemia da Covid-19, a disciplina sofreu alterações sendo oferecida no formato Ensino Remoto Emergencial (ERE) e as atividades se concentraram em rodas de conversa e análise de textos que fossem relevantes para uma boa reflexão no campo da educação musical, dentre os quais está a publicação “O cotidiano no cotidiano da pandemia – reflexões com a educação musical” trabalho publicado pelo EMCO (Grupo de Pesquisa Educação Musical e Cotidiano- UFRGS/CNPq) principalmente as reflexões trazidas por regentes corais. Meu interesse por este tema se justifica, pois, além de estudante na UFRGS, sou também concursado na rede pública do município de Taquara exercendo função no Departamento de Cultura, órgão atrelado à Secretaria de Educação, como regente do coro municipal, cargo que exerço por ser Bacharel em Regência Coral pela UFRGS. Este coro teve seu início no mês de agosto de 2021 com pessoas oriundas de um grupo vocal de adultos que estava em atividade há 18 anos e que, por conta da perda de seu regente pela Covid-19, estava com as suas atividades suspensas. Propomos que o grupo seria a base do novo coral, incluindo mais pessoas. Não abrimos testes vocais para o ingresso de novos integrantes por dois motivos: ainda estávamos no período da pandemia e não queríamos que houvesse aglomeração de pessoas pois o grupo optou por ensaios presenciais, e, segundo, para aproveitar a experiência do grupo e seu repertório já consolidado pois compreendemos que isso qualifica a atividade e motiva os que já estão participando do coro. Também neste período tivemos um convite do Departamento de Cultura para uma apresentação no evento Natal Mágico que vai ocorrer no dia 25 de novembro de 2021. Isso motivou o grupo a se empenhar na preparação do repertório que além dos ensaios semanais tiveram ensaios extras e de naipes. Mas toda esta narrativa nos traz a pergunta: que espaço de aprendizagem temos aqui? Dentro do que entendemos como “espaços não convencionais” de aprendizado (diferentemente de uma escola, por exemplo), o coro - por ser constituído de pessoas leigas em música, que em sua maioria não lê uma partitura, mas que aprende por observação, escuta, prática e repetição - torna-se uma atividade que, além de ser socializadora, motivadora e integradora, é também pedagógica. No município de Taquara há poucas ofertas de atividades musicais gratuitas, além do coro, em algumas escolas há bandas marciais coordenadas por um único professor não formado em música, mas que tem experiência na prática musical deste tipo de grupo instrumental. Além disso, existem no município escolas e professores particulares de música. Concluo dizendo que, neste pouco tempo de trabalho com o coro, tivemos alguns desafios: a pandemia foi a maior delas, além da adaptação do grupo com um novo diretor/regente bem como novas abordagens interpretativas e sonoridades vocais. A atuação de um regente na realidade coral brasileira é essencialmente educativa, desta forma a licenciatura em música me ajudou nesta função.

2. Aprender a ensinar música por meio de projetos de ensino: relato do estágio de docência em música no Colégio de Aplicação da UFRGS

Francis Ricardo Rocha Padilha (Estagiário)

Luciana Marta Del Ben (Orientadora)

Curso: Licenciatura em Música

Este relato tem como objetivo compartilhar a experiência de estágio de docência em música iniciado em agosto de 2021, ainda em andamento, desenvolvido no Colégio de Aplicação da UFRGS (CAp) com uma turma do 7º ano do ensino fundamental que faz parte do Projeto de Ensino Amora. O estágio ocorreu dentro do programa de estudos remotos do CAp, que busca desenvolver diferentes formas de se relacionar com a música, tais como tocar, ouvir, compor, explorar a movimentação e as sonoridades corporais. As aulas na escola ocorreram sempre nas sextas-feiras, às 09h30, por um período de 50 minutos, nos ambientes virtuais de aprendizagem Moodle e Google Meet. Meus primeiros desafios no estágio foram encontrar um tema para a elaboração do projeto de ensino e construir objetivos de aprendizagem. Através das leituras dos materiais propostos pela professora orientadora e das discussões em aula com os outros colegas da turma de estágio, pude compreender, amadurecer e encontrar o tema que estou trabalhando com a turma Amora II, que se chama Projeto Anime. Durante a observação atenta das aulas da turma do CAp, pude perceber o interesse dos alunos nesse tema específico, quando um dos alunos trouxe uma música da trilha de um anime para discussão em uma aula da professora responsável pela turma. Em outro momento, outro aluno mostrou um desenho que havia feito de um personagem de anime e, por fim, percebi que alguns alunos tinham um personagem de anime no lugar das fotos que identificavam seus nomes no ambiente de entrega das tarefas propostas para a turma. Isso me oportunizou construir o projeto a partir do interesse e da vivência dos alunos. A partir da ideia do Projeto Anime, minha turma de estágio da UFRGS pesquisou o tema e, juntos, elaboramos os objetivos gerais de aprendizagem do projeto: compreender a relação entre música e imagem e compreender como a música ajuda a construir identidades. A partir desse ponto, pude elaborar e desenvolver o projeto para a turma que me foi designada pela escola. Na primeira aula que propus para a turma Amora II, apresentei o tema de abertura do anime Natsume Yijunchou, uma pequena sinopse de sua história e uma figura do personagem principal. Nas aulas que se seguiram, os alunos trouxeram seus animes preferidos e músicas de abertura desses animes. Pudemos ouvir juntos no período da aula, criando, assim, uma playlist da turma. Em outra aula, escolhemos em conjunto, duas músicas dentre as trazidas pelos alunos. Transcrevi e disponibilizei, na plataforma YouTube, partituras de até quatro compassos para que os alunos pudessem praticar tocar, percutir e cantar em casa. Os alunos da turma Amora II escolheram tocar piano, teclado, flauta, ukulele, fazer percussão de mesa e beat box e cantar. Pudemos avaliar o estudo e prática individual dos alunos através de vídeos ou áudios enviados através do Moodle. Também utilizei como recurso a ferramenta diário do Moodle, através da qual a maioria das tarefas propostas foi enviada. Por fim, a turma enviou um desenho ou foto do seu personagem preferido e um link do YouTube do tema da música do personagem. Através do tema de interesse da turma, pude perceber que a turma tem se envolvido bastante com o projeto e tem participado das aulas com muita empolgação. A experiência de poder trabalhar esse projeto com a turma Amora II desenvolveu em mim, como estagiário, maior confiança e segurança para praticar a docência e me fortalecer como professor de música.

3. Experiência em estágio remoto no ensino fundamental

Mateus Fernandes de Souza (Estagiário)

Aline de Lima Rodrigues (Orientadora)

Curso: Licenciatura em Geografia

O estágio foi realizado em duas turmas do 7º ano do Ensino Fundamental na disciplina de Geografia, de forma remota, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Tiradentes, no município de Imbé, RS. Durante o estágio, trabalhou-se com os conteúdos: Migrações e a heterogeneidade da população Brasileira. Os planos de aula priorizaram atividades reflexivas e sintáticas, para a compreensão e entendimento dos alunos. Foram utilizados gráficos, mapas, relações com o local e outras linguagens tal qual a música e a pintura. Entre uma aula e outra foi cobrado pequena atividade para síntese do conteúdo e, ao final de 5 aulas, aplicação de avaliação. A estratégia do ensino remoto provocou várias demandas diferentes, desde o aprendizado com mídias colaborativas, edição de vídeos e imagens, até mesmo a baixa devolutiva dos alunos. Foi necessária adaptação de todos os envolvidos com o ensino aprendizagem para essa nova fase que foi provocada pela pandemia. Certamente a maior dificuldade foi não ter o contato físico com a escola e os alunos, principalmente no que se refere ao método de aula para a apreciação dos alunos até mesmo no controle de conflitos e conforto dos alunos. Esse modelo de ensino, acentuou as diferenças entre capital material e principalmente capital simbólico, quanto ao apoio do meio para manter o aluno na escola, incentivar o estudo, quanto às tecnologias que ainda faltam nas escolas públicas.

4. Resumo

Andressa Reinheimer Salini (Estagiária)
Cláudia Rodrigues de Freitas (Orientadora)
Curso: Licenciatura em Pedagogia

O presente trabalho compartilha a experiência da utilização de um jogo digital com um aluno em Atendimento Educacional Especializado. Objetiva, dessa maneira, relatar e analisar a vivência concretizada por meio do Estágio Obrigatório de Docência I: Educação Especial, Docência e Atendimento Educacional Especializado, do curso de Pedagogia, na Faculdade de Educação da UFRGS. Tal prática se desenvolveu no formato online, no período do Ensino Remoto Emergencial (ERE), junto ao Atendimento Educacional Especializado de uma escola Pública de Porto Alegre. Segundo aponta Baptista (2011/2019), esse tipo de atendimento busca dar sustentação aos processos inclusivos. O estágio teve como foco a aproximação, a partir da professora do AEE, de um aluno com autismo, sendo esse identificado como público- alvo da Educação Especial. Durante o processo de estágio, realizou-se uma atividade proposta pela estagiária cuja estratégia era usar um jogo digital construído na plataforma Scratch, denominado a “Turma da Mônica: Uma Aula com Guilherme” (nome fictício do aluno). Idealizou-se essa intervenção haja vista o interesse da criança em questão pelos personagens da Turma da Mônica, valorizando-a enquanto sujeito de aprendizagem dotada de gostos e de preferências a fim de colaborar em seu processo de alfabetização. Assim, no presente trabalho, o jogo digital assumiu a forma de recurso didático pedagógico que visa a auxiliar as aulas no sentido concebido por Castoldi e Polinarski (2009), ou melhor, oferecer intervenção a partir de avaliação que indique a etapa da aprendizagem em que se encontra o aluno. No caso em destaque, a proposição teve como foco o processo de alfabetização de Guilherme, e, como disparador, a atividade desenvolvida possibilitou investir nele enquanto sujeito ativo no seu processo de aprendizagem. A contar da experiência vivida, pôde-se perceber que tanto a estratégia quanto a oferta demonstraram-se primorosas para aprendizagem do aluno, o qual, mediante abordagem lúdica, pôde desenvolver conhecimentos atinentes à alfabetização e à contagem numérica.

5 - Educação geográfica em espaços educativos diversos durante o Ensino Remoto Emergencial: Estágio Supervisionado no Cursinho Popular Pré-vestibular Zumbi dos Palmares

Felipe Casanova (Estagiário)
Laura Isabel dos Santos Flores (Estagiária)
Denise Wildner Theves (Orientadora)
Élida Pasini Tonetto (Orientadora)
Curso: Licenciatura em Geografia

Este trabalho origina-se das experiências e vivências na disciplina de Estágio Supervisionado em Geografia II, que integra o Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Este estágio docente é realizado em espaços educativos diversos – neste caso, foi desenvolvido no Cursinho Popular Pré-vestibular Zumbi dos Palmares, semestre 2021/1 em Ensino Remoto Emergencial (ERE). O Zumbi, como é carinhosamente chamado pelos alunos e professores, possui 26 anos de história e foi fundado no município de Viamão-RS, no ano de 1995 pelo movimento negro dos professores ligados ao CPERS. Atualmente, tem como sede o Colégio de Aplicação da UFRGS e os alunos são oriundos de Porto Alegre e de municípios da Região Metropolitana. De acordo com a professora de Sociologia e coordenadora geral do cursinho em 2021, não se trata apenas de um cursinho popular, mas de um espaço de formação e fomentação de cidadãos e professores – uma vez que a maioria dos professores do projeto são voluntários e iniciam sua trajetória acadêmica no espaço educativo ainda enquanto estudantes de graduação. Nosso estágio foi realizado no primeiro semestre de 2021/1, durante o mês de outubro; contudo, a observação e o planejamento ocorreram durante os meses de agosto e setembro, através de leituras de autores como Paulo Freire e Chimamanda Ngozi Adichie, que foram fundamentais enquanto referências teóricas e importantes no planejamento e na atuação docente. A pesquisa e as entrevistas foram essenciais na observação, que, em função do momento excepcional de medidas sanitárias devido à pandemia provocada pelo coronavírus SARS-CoV 2, ocorreu de maneira on-line. Enquanto estagiários, exercemos a docência com base nos pressupostos teóricos da docência compartilhada, e, durante as aulas, buscamos estimular as relações da geografia acadêmica com o espaço vivido pelos alunos. O planejamento levou em conta todas as leituras, pesquisas e entrevistas realizadas. Durante as quatro semanas de atuação no cursinho, foram cumpridas as demandas propostas pelo professor de Geografia do Zumbi. As quatro aulas tiveram, como tema central, os Recursos Energéticos e as Mudanças Climáticas, sendo assim, foi possível partir do conhecimento dos alunos para desenvolver propostas que buscaram construir conhecimentos envolvendo conceitos e procedimentos, alicerçados na perspectiva da educação geográfica. Procuramos desenvolver as atividades e as propostas didáticas de maneira que as mesmas permitissem que os alunos construíssem reflexões de maneira autônoma e, ao mesmo tempo, oportunizassem a atuação cidadã. Salientamos que interagir vislumbrando a educação emancipatória, em contexto de ensino remoto emergencial foi bastante desafiador, mas, sem dúvida, uma experiência enriquecedora.

6 - RESUMO

Ana Beatriz Ornelas (Estagiária)
Carla de Oliveira Pacheco (Supervisora)
Carla Beatriz Meinerz (Orientadora)
Curso: Licenciatura em Sociologia

Este trabalho apresenta e reflete sobre a prática de docência realizada em estágio curricular obrigatório, cujo tema de estudos foi centrado no RAP, na qualidade de fenômeno social, educativo e de produção de saber periférico, objetivando contribuir na descolonização do currículo da disciplina de Sociologia no Ensino Médio. O exercício da docência foi realizado através de encontros virtuais, em consonância com as medidas de distanciamento social vigentes, planejados na prática de estágio vinculada à Residência Pedagógica, com estudantes do terceiro ano do ensino médio da Escola Municipal de Ensino Médio Emílio Meyer, de Porto Alegre. A proposta se inseriu na temática de estudos da disciplina sobre Direitos Humanos de uma forma provocadora para todos os envolvidos, dos estudantes às professoras da escola e da universidade. A mediação pedagógica começou com a apresentação do trabalho da rapper Souto MC, “Retorno”. Nesta obra, buscou-se a observação do processo da artista em busca de sua ancestralidade indígena, capaz de reconectar laços enfraquecidos pelos projetos políticos de embranquecimento e de êxodo rural. Partindo das reflexões contidas na letra da música, articulou-se questões-motivadoras fundamentadas em conceitos sociológicos na perspectiva do pensamento decolonial, tais como identidade, equidade e direitos, colonialidade do ser, saber e poder. Tal fundamentação foi tecida a partir do processo de transcrição curricular, considerando-se conhecimentos que são gestados em lugares socialmente distintos - o RAP e a sociologia - mas que compartilham um mesmo objeto de observação e reflexão, a sociedade. Desejou-se possibilitar o acesso a distintas formas de interpretação do mundo social. Observando os diálogos dos jovens estudantes no processo de consecução da sequência didática, conclui-se que as reflexões e produções daqueles que participaram dessa exploração sonora foram de encontro com a descolonização curricular, pois houve a desconstrução de estereótipos apoiada em categorias analíticas estudadas. Nas categorias que emergiram da prática, surgiram críticas direcionadas ao papel da própria escola na perpetuação da colonialidade, através de currículos que cristalizam as populações indígenas, vistas por lentes enviesadas e estereotipadas, encerradas num passado colonial romantizado e num presente de exotização, compartilhando imaginários sociais fundados no etnocentrismo e no branco como padrão ideal de humanidade. Foram propostas algumas reflexões dialógicas buscando a desconstrução destes estereótipos, conforme orienta as diretrizes decorrentes da Lei 11.645/08 que obriga o ensino positivado de história e cultura indígena. Reiteramos nosso compromisso docentes em construir novas maneiras de educar que combatam o epistemicídio de tantos conhecimentos produzidos fora do pensamento colonial hegemônico e se “tornem ideias para adiar o fim do mundo”, como proposto por Ailton Krenak (2019).

Referências:

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
SOUTO MC. **Retorno**. São Paulo: Natura Musical, 2019. 2m44s.

7 - Estágio Docente na Educação Especial os desafios da prática pedagógica em contexto de excepcionalidade sanitária

Laura Pereira Ferreira (Estagiária)
Graciele Marjana Kraemer (Orientadora)
Liliane Ferrari Giordani (Orientadora)
Curso: Licenciatura em Pedagogia

O Estágio de Docência I: Educação Especial, Processos e Práticas, desenvolvido no curso de licenciatura em Pedagogia da UFRGS, realizado na Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Professor Elyseu Paglioli (EMEEF Elyseu Paglioli). A escola está localizada no bairro Cristal, Porto Alegre. A turma para a realização do estágio foi uma de 2º ciclo, com 8 alunos (7 meninos e 1 menina), idades variando de 10 a 14 anos, a maioria com Transtorno de Espectro Autista, um com Síndrome de Down e um com questões psíquicas (crises convulsivas). Com a pandemia mundial de Covid-19 e as medidas implementadas para prevenção de seu contágio, em março de 2020 as escolas tiveram suas atividades presenciais canceladas pela necessidade do distanciamento social. Nessa condição, as tecnologias digitais constituíram-se a possibilidade de manter, minimamente, os vínculos afetivos e as relações de ensino e aprendizagem entre professores, alunos e suas famílias. Em 2021, com o avanço da vacinação, a grande maioria dos estabelecimentos, dentre eles as escolas, foram reabertos, e parte de seu público retornou às aulas presenciais. Porém, no contexto das escolas especiais, muitos alunos se enquadram no grupo de risco de contágio ao vírus, e por esta razão, diversas famílias optaram por continuar na modalidade remota. No caso da turma de estágio, 4 crianças voltaram a presencialidade (em tempo reduzido), e 4 permaneceram no ensino remoto. Para estes que não estão indo à escola, e para os dias em que aqueles que estão frequentando as aulas de forma presencial não a frequentam de modo presencial, a solução encontrada foi a preparação, por parte das professoras, de kits de atividades para serem retirados e realizadas em casa, com o auxílio da família. As atividades desenvolvidas no estágio, realizado de forma remota, estiveram voltadas para conhecer o contexto da turma e da escola e auxiliar no planejamento e elaboração desses kits. Este planejamento constituiu um desafio, uma vez que, apesar dos relatos da professora e de curtas videochamadas com alguns alunos, o conhecimento a respeito deles - suas potencialidades, dificuldades, e a maneira de aprender de cada um - ainda era escasso. Nesse sentido, foram pensadas atividades que estimulam o lúdico, a coordenação motora, motricidade fina, atenção e foco, contagem, reconhecimento de letras, entre outros, através de diferentes materialidades, contação de história, vídeos, quebra-cabeça, jogo da memória, pinturas, folhas estruturadas, com todos os materiais necessários para sua realização enviados junto no kit. A parceria com as professoras regentes da turma foi fundamental nesse processo. A professora que atuava a mais tempo com a turma desenvolveu orientações para a estagiária acerca das atividades sugeridas, considerava mais adequada ao perfil dos alunos, outras possibilidades de propostas pedagógicas, ideias, encaminhamentos e suporte. Estabeleceu-se assim, uma rede de trabalho pedagógico, resultante de um planejamento coletivo, entre as professoras alfabetizadoras iniciantes e as professoras mais experientes. Portanto, constituiu-se uma relação cooperativa e de coformação na qual as trocas contribuem com as professoras da escola e com a formação acadêmica da estagiária. Esse estágio em contexto pandêmico mobilizou docentes a explorarem outras maneiras e materialidades de ensino, reafirmando que o campo da educação é mobilizado por processos dinâmicos. Portanto, ser profissional docente é reinventar-se constantemente, dialogar com outros profissionais, ampliar o repertório pedagógico e mobilizar saberes em práticas e pesquisas acadêmicas em vista de alternativas distintas para o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos.

8 - Estágio remoto na EJA: uma experiência na disciplina de Geografia

Bárbara Ortiz Costa (Estagiária)
Aline de Lima Rodrigues (Orientadora)
Curso: Licenciatura em Geografia

Assim como meus colegas tive que realizar o estágio de ensino fundamental no modo remoto, dentro do Ensino Remoto Emergencial (ERE), devido a pandemia na qual estamos vivendo e quando recebi com receio essa informação, pois me questionei como a minha primeira experiência em sala de aula seria uma experiência virtual? como eu iria conseguir um colégio que me aceitasse neste modelo de ensino? tendo em vista que na maioria dos colégios a internet é de péssima qualidade. Então consegui uma escola o CAP (Colégio Aplicação da UFRGS), meu estágio foi na turma de EJA- Ensino Fundamental (Ensino de Jovens e Adultos) na disciplina de Geografia. As aulas do CAP este ano estão divididas em blocos de ensino, o da geografia é Ciências humanas, dentro deste bloco todas as disciplinas devem se comunicar e trabalhar com o tema escolhido, neste ano foram os direitos humanos. Na minha primeira aula assisti a professora supervisora trabalhar com o tema o direito à cidade, nas aulas subsequentes preparei o material, as apresentações e atividades, seguindo os assuntos: direito à moradia, direito à educação - igualdade e equidade e direito à saúde. Todas as aulas foram gravadas e disponibilizadas no moodle da disciplina, assim como conteúdos e atividades. Minha experiência como estagiária no ERE no ensino fundamental de certa forma foi motivadora, por outro lado, foi perturbadora. Motivou muito porque mesmo que poucos alunos participassem da aula, interagiram e demonstraram interesse, foi perturbadora porque nenhum de nós imaginou que passaria por esse momento e teria que se adequar a diversas mudanças em tão pouco tempo. Foi um estágio construtivo e de aprendizado para mim e para os meus alunos.

9 - Estágio em Geografia: experiências e desafios com o ensino remoto na educação básica

Isaac Goulart da Silva (Estagiário)
Aline de Lima Rodrigues (Orientadora)
Curso: Licenciatura em Geografia

Estagiar em situação qualquer nunca é uma atividade simples e fácil, durante um período pandêmico a dificuldade e complexidade assume outro patamar. Portas se abrem e outras se fecham ao professor em formação, desafios de incorporação de conteúdos e materiais que outrora não eram considerados didáticos, e a adaptação de práticas já realizadas em outras situações. No ano de 2021, primeiro semestre letivo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), foi realizado o estágio em Geografia no ensino fundamental. A atividade ocorreu aos moldes do Ensino Remoto Emergencial (ERE), no Colégio de Aplicação da UFRGS (CAP-UFRGS), em duas turmas de 9º ano. Os encontros síncronos ocorriam a cada quinze dias no ambiente virtual Google Meet, e as atividades, mensagens e demais ações de interação docente-discentes aconteciam no ambiente virtual de aprendizagem (AVA) Moodle, plataforma utilizada por padrão pela UFRGS. Supervisionado pela professora Evelin Biondo, o diálogo e abertura com as turmas foram poucos até criar uma linha de comunicação sólida. O conteúdo da situação a ser trabalhado foi a Oceania, tema interessante e curioso, tanto para o professor quanto para os e as estudantes, já que pouco é apresentado realmente no ambiente escolar sobre o continente. Ainda com receio do início das atividades online foi produzido um material de apresentação do tema, com uma proposta de interação artística para com o conteúdo, porém para parte do alunado houve certa dificuldade em compreender. À medida que as semanas passaram as estruturas das atividades avaliativas foram se aperfeiçoando e estruturando-se em outras formas de análise. A partir da segunda semana de estágio surgiram novas possibilidades de conteúdos que permeavam o tema corrente, porém a falta de informação e de atividades de referência acabavam por limitar o potencial das aulas, e neste momento, materiais então não didáticos vieram à luz no ambiente escolar. Passando pelos materiais históricos e patrimônios da humanidade, até as estações de rádio presentes na Oceania, toda a troca com as turmas permitiu uma reflexão sobre a forma que cada um e cada uma enxerga o mundo e em específico um continente tão diferente como a Oceania. A realização do estágio em ERE evidenciou dois pontos essencialmente: os referenciais e bases ainda necessitam de muitas opções ao docente, o que limita e dificulta a elaboração de um encontro construtivo e ativo para com os estudantes. Em segundo lugar, a situação pandêmica escancarou a desigualdade tecnológica e psicossocial tanto de alunos quanto de professores, pois esta barreira estabelecida acaba por impactar no processo de ensino e aprendizagem.

10 - ...Desenhar a escola... reencontrar a escola... redesenhar a escola...

Emanuel Rodrigues Kapczynski (Estagiário)

Sthefânia Porto Bitencourt (Estagiária)

Thomaz Brasil (Estagiário)

Lisete Regina Bampi (Orientadora)

Curso: Licenciatura em Geografia

Neste trabalho, apresentaremos reflexões motivadas por práticas desenvolvidas na disciplina de Estágio de Docência em Educação Matemática I pelos estagiários Emanuel Kapczynski, Isaías Jacques, Sthefânia Bitencourt e Thomaz Brasil. Partiremos de algumas experiências prévias que consideramos fundamentais para a própria formação docente. Relataremos o processo de elaboração de materiais para atividades síncronas e assíncronas na Escola Estadual Anne Frank. Observamos que as atividades desenvolvidas para as aulas síncronas foram realizadas com a professora Miriam Lewgoy pela plataforma Google Meet. Descreveremos as leituras realizadas ao longo da disciplina de Estágio, as suas contribuições para a formação docente e cogitaremos sobre inquietações do grupo motivadas pelas práticas propostas nessa disciplina. Desse modo, conversaremos sobre como as leituras podem nos ajudar no exercício de repensar e reencontrar uma forma escola no momento atual, em que se vivencia tanto a defesa de inovações em diferentes frentes quanto uma perda de prestígio da escola. Este último aspecto, inclusive, pode ser percebido no próprio questionamento da escola como parte importante da vida. Consideramos que o exercício de desenhar a escola, como proposto por Jorge Larrosa e os demais autores do texto “Desenhar a escola: um exercício coletivo de pensamento”, torna-se um caminho possível para repensar a especificidade da escola em um mundo que parece se preocupar mais com a sua utilidade ou dissolução. Nesse caminho, interligamos memórias escolares enquanto professores e alunos e fazemos um exercício de pensamento sobre o que é a escola. Considerando que é a partir das nossas experiências que temos algo a dizer uns para os outros, esse exercício se materializa no modo singular de cada um repensar e redesenhar a escola, sendo esta entendida tanto como espaço físico, quanto como um lugar de estudo e como uma forma de separação de tempos, espaços e atividades que a constituem. Com o Ensino Remoto Emergencial, estamos sujeitos a novos desafios e dificuldades enquanto experimentamos uma outra possibilidade de compreensão de escola, que nos leva a repensá-la de maneira atenta aos modos de fazer e não apenas às finalidades que lhe são atribuídas. Nesta perspectiva, não somente refletiremos, escreveremos e conversaremos sobre o que lemos, também, mostraremos os professores que somos em nosso exercício, ou seja, preparando aulas, conversando com nossos professores, com nossos alunos, com nossos colegas e com nós mesmos. Assim sendo, redesenhar a escola implica em repensar como nós, enquanto estudantes-professores, inserimo-nos nos espaços escolares e qual a natureza da nossa atuação. À vista disso, a docência passa a ser pensada como um modo de vida, como um ofício que é inseparável do lugar onde é exercido, tornando a sala de aula o primeiro e fundamental dos artefatos utilizados pelo professor no desenvolvimento de sua arte, e que sempre pode ser aprendida e melhorada.

Referências:

LARROSA, Jorge et al. **Desenhar a escola. Um exercício coletivo do pensamento.** In: LARROSA, Jorge (Org.). Elogio da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

RECHIA, Karen Christine; LARROSA, Jorge. **Profissão ofício de professor. Sobre Tudo**, v. 10, p. 23-46, 2019.

11 - Experiências do Estágio de Docência em Ciências da Natureza

Elizabeth Muriel Alfonso (Estagiária)
Aline Reis Calvo Hernandez (Orientadora)
Curso: Licenciatura em Ciências da Natureza

O Estágio de Docência 4 – Ensino Fundamental: Biologia, Física, Química e Geografia, do Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza me proporcionou uma visão ampliada sobre o trabalho docente e a relação com os/as alunos/as. É de suma importância que todos os futuros docentes vivenciem essa experiência de iniciação e prática docente. No primeiro estágio percebi que devemos ter muito cuidado na elaboração dos planos de aula, pois esse recurso didático-metodológico servirá de guia durante o processo de ensino e, conseqüentemente, de aprendizagem dos/as alunos/as. Através do planejamento estamos pensando processos, tempos, espaços, metodologias de construção do conhecimento, traçando objetivos, conforme a etapa de ensino e os conteúdos previstos. Para elaborar o planejamento do estágio, um de nossos referenciais, para além das leituras e estudos em Ciências da Natureza, foi a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Os planos se estruturavam em torno à Unidade Temática, objetivos do conhecimento, as habilidades e conhecimentos prévios dos/as alunos/as, buscando explicar e aprofundar temas e conceitos. Como estamos num momento de pandemia o estágio foi realizado através da plataforma digital google classroom, com aulas síncronas através do meet, com uma turma de 8º ano em uma escola da Ensino Médio da rede estadual de São Leopoldo, RS. Nas primeiras aulas tive um pouco de dificuldade em trabalhar na plataforma, pois não sabia como apresentar as atividades, como passar os vídeos etc. A supervisora do estágio me acompanhou, orientou, e foi com ela que aprendi a trabalhar nesse novo modelo de sala de aula digital. As primeiras aulas foram tímidas, pois eu não sabia muito bem como deveria agir com os/as alunos/as. Conforme o estágio foi avançando, fui adquirindo confiança e comecei a trabalhar de forma mais tranquila e segura. Foi preciso, então, retomar os planos de aula, tornando-os mais objetivos e atrativos. Ao fim de cada aula propus um quiz, que é um jogo personalizado com perguntas, respostas em que os resultados são controlados pelos próprios alunos/as. O objetivo era fazer a retomada e avaliação dos conhecimentos e aprendizagens desenvolvidas. Assim, o foco não era competir ou ganhar, mas retomar os conteúdos ao fim de cada aula, fazendo com que os/as alunos/as se dessem conta de suas aprendizagens, ou mesmo daqueles conteúdos que deveriam ser mais estudados. Dessa forma consegui reforçar os conteúdos e, também, incentivar os/as alunos/as a realizarem as atividades, levando em consideração que não são todos que se adaptaram a esse novo modelo de aula e, inclusive, muitos abandonaram os estudos, sendo a evasão escolar um dos sintomas educacionais marcantes da pandemia. Cabe, ainda, registrar um momento em que realmente fiquei um pouco abalada, quando uma aluna da Educação Especial não participava das atividades propostas, mesmo com planos de estudos feitos especialmente para ela. Ela não voltou às aulas no retorno presencial. Essa situação denota a necessidade de aprofundar estudos, metodologias e práticas voltadas à inclusão de pessoas com deficiência na escola, permitindo que não só tenham direito ao acesso, mas condições de permanência. Diante desse “abalo”, a supervisora do estágio me disse para focar nos/as alunos/as que vinham se esforçando e obtendo sucesso, senão eu ia ser infeliz na profissão, e foi o que fiz. Com toda a certeza posso afirmar que aprendi muito durante o período do estágio, e sempre penso em como posso preparar aulas melhores e mais atrativas para meus futuros alunos/as, pois tenho em mente que o aluno/a não falha, é o professor que, como mediador do conhecimento, deve instigar sua turma conforme a realidade de cada escola.

12 - Resumo

Gabriela Duarte de Assis (Estagiária)
Karine dos Santos (Orientadora)
Maurício Perondi (Orientador)
Curso: Licenciatura em Pedagogia

O Estágio de Docência I, do Curso de Licenciatura em Pedagogia, é focado na prática profissional fora do campo de atuação mais comum, a formação em sala de aula. O primeiro desafio foi decidir se deveria fazê-lo nesse momento de ensino remoto, pois imaginei que poderia não ser tão proveitoso, por ser feito através do computador. Os estágios estão acontecendo dentro dos projetos do CIESS (Centro Interdisciplinar de Educação Social e Socioeducação), um órgão auxiliar da Faculdade de Educação da UFRGS, que desenvolve ações guiadas pelo desenvolvimento acadêmico a partir do tripé Ensino, Pesquisa e Extensão. Ingressei no Fio-da-Meada, um projeto de extensão fruto da parceria entre a Gráfica da UFRGS e do Programa de Prestação de Serviços à Comunidade, que tem como objetivo ser uma unidade de execução de medida socioeducativa de PSC. Todos os movimentos do projeto são guiados por três eixos fundamentais: o protagonismo juvenil, a sustentabilidade e a produção artesanal. No projeto são realizadas oficinas semi presenciais, onde os jovens estão presencialmente na instituição e nós participamos remotamente, através do google meet. São oficinas de produção de cadernos artesanais, onde são feitas manualmente todas as etapas, o corte das folhas, da capa e a costura para a finalização. Como resultado da experiência, destaco uma experiência realizada em uma oficina ocorrida no CREAS (Centro de Referência Especializado em Assistência Social) - Centro, Ilhas, Humaitá e Navegantes. Na ocasião, havia apenas um jovem, deveria ter cerca de 16 anos, que era muito fechado, respondia apenas o necessário ou acenava com a cabeça, não levantava os olhos, era como se fosse um fardo estar ali conosco. Em um certo momento uma das técnicas do CREAS, que estava presente, o questionou sobre um canal no youtube de dança. Até a expressão corporal dele mudou quando começou a contar sobre seus projetos. Os ombros caídos se fechando para si deram lugar a uma conversa espontânea onde ele contou que gostava de participar de batalhas de passinho e que junto com seu irmão formavam uma dupla de sucesso local, que já haviam sido convidados, ganhando cachê, para dançarem em diversos bailes. Relata que sua família era contra, mencionando que a dança não levaria a nada. Comentamos que existem diversos dançarinos profissionais que vemos hoje na TV que começaram assim, dançando em casa, gravando vídeos e que existe lugar para todos. Ele comentou também que gostaria de ser professor de dança no futuro. Comentamos que na universidade que estudamos tem o curso de dança, que ele aprenderia sobre vários outros estilos e que seria um lugar com várias pessoas com interesses semelhantes. No livro *Juventudes entre A & Z*, Perondi (2020, p. 360) traz uma reflexão muito importante sobre as emoções que sentimos durante um trabalho com jovens que vivem em vulnerabilidade social, “Talvez, um dos maiores desafios de quem se depara com essas situações juvenis seja a de alimentar a esperança. Mesmo com as dificuldades ocasionadas pelas diversas situações de vida, quem trabalha com os/as jovens deve ter a preocupação de motivar para que busquem sonhar, estabelecer metas, se permitir ter esperança”. Enquanto conversávamos sobre o futuro e a dança, ele fez um lindo desenho da Ponte dos Açorianos com o prédio do Centro Administrativo Fernando Ferrari ao fundo, local próximo ao CREAS, elogiamos seu desenho e ele ficou envergonhado, pois acho que não estava esperando por esse reconhecimento. Não sei se foi o fato dele estar sozinho e não se sentir intimidado por outros jovens que participavam junto, ou se foi porque nos mostramos interessadas num assunto que trazia empolgação a ele. Não era mais apenas um dever imposto como castigo por ter feito “algo errado”, era um momento de acolhimento e de se afirmar como indivíduo. Foi possível aprender que a socioeducação é uma área multidisciplinar desenvolvida a várias mãos e que a presença da pedagoga nesse espaço é muito importante. Essa experiência foi um divisor de águas em minha vida, por mais que eu não tenha saído da sala da minha casa, eu pude viver das mais diversas emoções, em que vivenciamos altos e baixos, criei laços e vi que ninguém está sozinho. Uma rede de apoio é fundamental para lidar com os desafios que atravessam os caminhos da educação social. Jamais imaginei que um estágio remoto seria tão intenso e transformador.

13 - Produção de Atividades de Matemática para alunos autistas

Douglas Machado dos Santos (Estagiário)

Andréia Dalcin (Orientadora)

Curso: Licenciatura em Matemática

O estágio de docência em Educação Matemática II do curso de Licenciatura em Matemática, do segundo de 2021 aconteceu com dois 6º anos da EMEF Presidente Getúlio Vargas, no município de Gravataí-RS, com atividades síncronas e assíncronas. O estágio apresentou os desafios inerentes à prática docente, potencializados pelas medidas de prevenção à COVID-19. No entanto, um desafio se mostrou mais relevante, a elaboração de atividades assíncronas para dois alunos com diagnóstico de autismo. A escola funcionava em sistema híbrido. Os alunos que não optaram pelo retorno presencial recebiam as atividades em plataforma específica na internet ou retiravam material na escola. Após duas semanas, eles deveriam devolver as atividades feitas, retirando as novas. Os dois alunos com diagnóstico de autismo, optantes da modalidade remota, também recebiam atendimento presencial às segundas-feiras com a professora da sala de recursos. Como parte das ações de estágio, a escola solicitou que fosse elaborado um plano de atividades diferenciado para estes dois alunos. A primeira orientação dizia que seria uma “adaptação” dos mesmos planos elaborados para serem aplicados de forma síncrona para os demais alunos. Após o primeiro ciclo de vai e vem dos planos e materiais elaborados, foram detectados alguns problemas, pois seriam os pais quem conduziriam as atividades e foi relatado que as atividades não eram compatíveis com o nível de desenvolvimento e aprendizado dos alunos, mesmo após passar por rigoroso processo de revisão: professora de estágio, professor, professora da sala de recursos e orientadora da escola. A professora Andréia, orientadora de estágio, sugeriu que eu marcasse uma reunião com a professora da sala de recursos, com o intuito de entender melhor o contexto que se apresentava. Nesta reunião, constatou-se que os alunos não poderiam ser trabalhados como sendo de 6º anos, em relação aos conteúdos e habilidades previstas para esse ano, pois eles estavam no início do processo da construção do número. Portanto, não se tratava de fazer apenas uma “adaptação” do plano regular. Uma vez determinado o problema, foi possível trabalhar numa solução: a partir da conversar com a professora da sala de recursos e com a professora Andréia, bem como leituras na área de educação infantil sobre o processo de numeramento, optou-se por uma abordagem construtivista piagetiana, visando trabalhar atividades que desenvolvessem os princípios de Classificação, Inclusão de Classes, Seriação, Correspondência e Conservação. O plano e as atividades seriam aplicados somente presencialmente nos atendimentos às segundas-feiras pela professora da sala de recursos, já que os estagiários não poderiam estar presencialmente na escola por exigência da universidade. O primeiro plano elaborado foi com o uso de Blocos Lógicos, visando o desenvolvimento de atividades que envolvessem a classificação de objetos por cor, forma e tamanho. O desenvolvimento das atividades propostas foi documentado, por vídeo, pela professora e foi bastante esclarecedor. Verificou-se que um dos alunos conseguiu realizar as atividades de forma satisfatória, mas o mesmo não aconteceu com seu colega, por ter severa limitação motora, não conseguia manusear o material ou mesmo realizar as atividades solicitadas com papel e lápis. A aula seguinte levou em consideração a especificidade de cada aluno. Para aquele com maior limitação motora, foram elaboradas atividades com o manuseio de um dado, em cujas faces é apresentado uma das figuras dos blocos lógicos. Para o que estava mais avançado, utilizou-se o Tangram e novas atividades com os conceitos de classificação e seriação. As atividades estão descritas no Relatório de Estágio. Essa experiência provoca a pensar sobre os desafios proporcionados pelas restrições da pandemia, as questões trazidas para a sala de aula pela inclusão e a necessidade do diálogo entre os diferentes setores da escola.

14 - Experiências de Estágio em Educação Matemática II

André Briance Mota (Estagiário)

Andréia Dalcin (Orientadora)

Curso: Licenciatura em Matemática

Esse texto tem por objetivo relatar algumas experiências vivenciadas ao longo do Estágio em Educação Matemática II ao trabalhar com geometria plana e espacial, no formato de ensino remoto, na turma 81 de oitavo ano da escola da rede privada de Guaíba, Instituto Educacional Dimensão. Ao longo do semestre diversas atividades, na maioria síncronas, foram realizadas com o objetivo de tentar aproximar conteúdos da geometria à experiência humana social, cultural e histórica. Dos alunos que participaram houve uma presença maior de alunos que ainda realizavam as aulas online, além disso, também tivemos a presença eventual de uma aluna que frequenta presencialmente as aulas da turma. Darei ênfase para dois planejamentos: uma proposta de atividade com pesquisa assíncrona e uma aula síncrona com duração de duas horas. O projeto de pesquisa consistia nos alunos do 8º ano buscarem conhecer outras culturas, diferentes da sua, explorar costumes e buscar alguma forma de geometria. Incentivados a pensar sobre áreas como esportes, artes, religião e arquitetura, os alunos deveriam apresentar aos colegas seus achados, justificando as relações encontradas e apresentando as referências de suas buscas. O encontro síncrono consistiu no estudo de linhas retas pelo uso de trechos de textos presentes no livro “Ethnomathematics” de Marcia Ascher, para então discutirmos a definição e os tipos de polígonos, em específico quadriláteros que possuem ângulos de 90°, sua predominância na arquitetura ocidental e a relação com outras culturas que também fazem uso destas formas. Os alunos deveriam buscar identificar estas formas geométricas em diferentes lugares do mundo, fazendo uso do google earth e do google street view. Em uma das aulas síncronas foi trabalhado a composição de polígonos a partir de elementos da arte cubista, condição de existência de triângulos utilizando o google street view, unidades de medidas, dedução das fórmulas de área por meio da construção de polígonos no software geogebra, cálculo de áreas de superfícies de pontos turísticos e países utilizando o google maps, listas de exercício e quizzes interativos online. Todas as atividades aplicadas durante o estágio foram realizadas na plataforma do google meet e gravadas pelo professor da turma. A descrição detalhada das atividades está no Relatório de Estágio. Em geral, todas as experiências buscaram fazer usos diversos do ambiente digital em que estavam sendo realizadas, levando em conta diversas habilidades necessárias para um trabalho educativo digital, envolvendo pesquisas, imagens, geometria dinâmica, quizzes interativos, leituras e vídeos. O apoio teórico para os planejamentos fundamentou-se nas ideias de Paulo Freire, em especial nos conceitos de autonomia e docência, presentes no livro Pedagogia da Autonomia. Também o conceito de experiência foi estudado e norteou tanto o planejamento como o desenvolvimento das atividades com os estudantes. Entendo o conceito de experiência na perspectiva do educador espanhol Jorge Larrosa expresso em seu artigo “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, que aproxima a experiência do conceito de autonomia do aluno e do professor, aproximando as atividades de aula da prática e das vivências do aluno, de modo que a experiência de fato aconteça na medida em que a vivência nos afete, nos atravesse.

15 - Olhares remotos: experiência de estágio na disciplina de percepção musical do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS)- Campus Porto Alegre

Alana Haase (Estagiária)
Jusamara Souza (Orientadora)
Curso: Licenciatura em Musical

Com o intuito de relatar sobre a experiência de estágio na disciplina de Percepção Musical do curso técnico em Instrumento Musical do IFRS na modalidade remota emergencial, durante o semestre 2020/2, apresento o contexto do curso, dos estudantes e da disciplina, descrevendo as experiências realizadas e trazendo pontos de reflexão a partir de olhares remotos. O curso Técnico em Instrumento Musical do IFRS, criado em 2011, tem caráter de formação profissional direcionado à inserção dos egressos no mercado de trabalho. É um curso na modalidade concomitante ao Ensino Médio, desde 2020, ocorrendo apenas no turno da tarde, ocasionando a diminuição do tamanho das turmas, visto que a maioria dos alunos adultos trabalham em horário comercial. A maioria dos estudantes entra sem saber ler partitura, portanto, sua alfabetização musical formal ocorre nesse curso. A disciplina de Percepção Musical faz parte do eixo de práticas apreciativo-reflexivas sobre música e o fazer musical, incluindo aspectos perceptivos, estruturais e contextuais relacionados à música como o desenvolvimento da leitura musical e da percepção rítmica, melódica, tímbrica e harmônica. As principais tarefas dos alunos foram: enviar gravações de vídeos (ou áudio, em caso de impossibilidade de realizar vídeos) com o registro da execução das atividades e das práticas de solfejo; participar de quizzes, questionários, elaboração de textos e a participação em jogos virtuais. As aulas aconteceram de forma híbrida com encontros síncronos através da plataforma Google Meet e assíncronos através da plataforma Moodle. Foram realizados três encontros síncronos para a resolução de dúvidas e realização de atividades ao vivo. O primeiro encontro remoto e síncrono foi com a turma de Percepção Musical II, composta por três alunos, mas compareceu somente uma aluna adulta. Foi feito antes do solfejo melódico tonal uma sequência de intervalos melódicos a qual nomearam de "Aquecimento" (pentacorde + 6° e 7°), é um exercício estrutural do solfejo melódico com ênfase nas funções dos graus. O segundo encontro remoto e síncrono estava combinado com a turma de Percepção Musical I, no entanto, nenhum estudante compareceu. O terceiro encontro remoto e síncrono foi com a turma de Percepção Musical II e compareceu a mesma aluna do encontro anterior juntamente com a sua filha. O estudo iniciou com o "Aquecimento" (pentacorde + 6° e 7°) sobre Mi Menor e depois solfejo na mesma tonalidade. Assim que entramos no contexto pandêmico, a tentativa da maioria dos professores foi adaptar seus planos de aula do ensino presencial para o ensino remoto. As adaptações feitas para o ensino remoto, dizem respeito, principalmente, à metodologia, pois as atividades em grupo e trocas imediatas no jogo da aula é difícil de serem realizadas. O ensino tornou-se mais individualizado, cada aluno estuda e pratica sozinho em sua casa. Um dos desafios neste formato de aula é criar estratégias que proporcionem mais interação humana entre a turma. No virtual tudo é mediado através da projeção de imagens acontecendo na dimensão mental e, automaticamente, a experiência a partir do corpo físico fica em segundo (ou em último) plano. Partindo da premissa de que a aprendizagem passa pelo corpo físico, então, como incluir a experiência corporal nas aulas virtuais? Sobre o perfil dos estudantes, alguns acabam desistindo do curso por não darem conta de estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Para estes casos o importante é motivar o aluno, ofertar o conhecimento e permitir que ele possa ser acessado em momentos diferentes da aula. Ou ainda mais: o que podemos fazer para nos aproximarmos daqueles que gostariam de estudar, mas não têm como ter acesso o suficiente para chegar às instituições? Como podemos facilitar o acesso ao ensino àqueles que desejam?

16 - O Ensino de Geografia com jovens e adultos: relatos de estágio na Escola Porto Alegre.

Elizandra Maria Dullius (Estagiária)
Mariana Nicolini Acosta (Estagiária)
Denise Wildner Theves (Orientadora)
Élida Pasini Tonetto (Orientadora)
Curso: Licenciatura em Geografia

O presente trabalho faz parte da disciplina de Estágio Supervisionado em Geografia II, na Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O estágio foi realizado em duplas, possibilitando a experiência da docência compartilhada, com atividades junto aos estudantes da Totalidade 4 do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) na Escola Municipal Porto Alegre (EPA). São pessoas que vivem em situação de extrema vulnerabilidade social, seja em situação de rua ou beneficiários do programa do governo federal “Aluguel Social”. Esse, é um público totalmente diferente daquele que encontramos na maioria dos espaços educativos convencionais e, nesse cenário, fomos desafiadas a propor aulas que, realmente, dialoguem com o cotidiano desses estudantes e que façam a diferença na vida deste público, pois a “educação bancária”, trazida por Paulo Freire, que já não atrai nem estudantes com estabilidades social e econômica, não teria nenhum sentido para estes estudantes com vivências tão distintas. A partir de conversas com esse grupo, por meio de encontros virtuais, escutamos as curiosidades e as necessidades sobre o que demonstravam interesse em conhecer e aprender com as aulas de Geografia. Com a escuta atenta e ativa, percebemos que o trabalho seria desenvolvido por abordagens que envolvessem a Cartografia. O trabalho teve como cenário a cidade de Porto Alegre /RS, local já apropriado pelos estudantes que ali vivem e convivem, com suas formas de interpretação e de representação dos lugares desse espaço. Os mapas da cidade nos serviram como aliados no processo de entender a Cartografia, com seus elementos sendo as informações utilizadas no dia a dia. Como parte da nossa proposta de inclusão digital, aproveitamos o acesso dos estudantes ao uso de chromebooks e, também, utilizamos recursos, como mapas digitais e aplicativos interativos de localização e de observação dos espaços da cidade. As atividades educacionais iniciaram com aula sobre mapas, elementos de um mapa e suas temáticas. A partir de interrogações dos estudantes, acerca de como os aparelhos digitais conseguem indicar nossa localização em qualquer ponto da superfície terrestre, trabalhamos as coordenadas geográficas e formas divertidas de entendê-las. Houve bastante envolvimento do grupo nas diversas atividades propostas, sendo percebido o entusiasmo dos estudantes e a realização de uma conexão do conteúdo com as experiências cotidianas da turma.

17 - Estágio Docente: experiências pedagógicas na Educação Especial em contexto de excepcionalidade sanitária

Kim Pessim (Estagiária)

Graciele Marjana Kraemer (Orientadora)

Liliane Ferrari Giordani (Orientadora)

Curso: Licenciatura em Pedagogia

A prática de estágio de docência em Educação Especial: processos e práticas, realizada a partir de agosto do ano de 2021, constituiu-se em um espaço formativo de experiências pedagógicas, estudos e articulação de saberes de distintos campos. Receosa por atuar com estudantes que apresentam deficiências, aos quais não conhecia e por desenvolver uma prática pedagógica de forma remota, experiência nunca vivida antes, destaca-se que a escolha da prática de estágio efetivou a oportunidade de conhecer a instituição, os profissionais que nela atuam e a ampliar o repertório dos conhecimentos pedagógicos. As experiências vividas, ainda que em período de atividades remotas pela necessidade de restrição de contatos sociais, decorrente da pandemia de Covi-19, foram enriquecedoras, mobilizando estudos e a busca por querer aprender ainda mais sobre este campo de conhecimentos. O estágio foi desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Elyseu Paglioli, com a turma CM2, com alunos do terceiro ciclo de ensino (16 a 21 anos). Essa escola foi a primeira escola especial municipal de Porto Alegre, fundada em 1988. Atualmente constituem o público da escola, estudantes de zero a vinte e um anos de idade, que participam também de atividades complementares ao currículo, sendo elas, Expressão, Som e Movimento, Artes, Fotografia e Jogos Teatrais. Além disso, a escola possui salas especiais para o trabalho de Estimulação Precoce (E.P.) e Psicopedagogia Inicial (P.I.). Durante o período de estágio, as atividades desenvolvidas estiveram centradas na elaboração de kits com atividades específicas e alinhadas à proposta de trabalho desenvolvida no período, para que os alunos levassem para casa e desenvolvessem de modo remoto. Na turma CM2, apenas quatro dos onze alunos têm participado das aulas presenciais, os demais mantiveram as atividades de modo remoto, com apoio das famílias e contatos realizados por meio de redes sociais. Os alunos receberam um kit com atividades pedagógicas para serem desenvolvidas em casa, retirados pelas famílias na escola, e com foco nas possibilidades de desenvolvimento apresentadas pelo estudante, considerando a estrutura curricular prevista para o grupo de estudantes. As atividades no material enviado no Kit foram planejadas, organizadas e desenvolvidas, de modo articulado entre as professoras regentes da turma e a estagiária. Durante a prática do estágio, foi possível conhecer o perfil dos alunos da turma, para assim pensar os materiais e a proposta de atividades adequada às especificidades de desenvolvimento de cada um. Além disso, foi possibilitada a observação presencial de uma aula, experiência significativa, que ampliou a compreensão de determinados conhecimentos desenvolvidos no curso de licenciatura de Pedagogia. Com o envio do material no Kit destaca-se a relevância da manutenção do vínculo pedagógico e do desenvolvimento de atividades pedagógicas necessárias ao desenvolvimento dos estudantes. Na prática do estágio de docência em Educação Especial: processos e práticas, os saberes e as experiências mobilizadas foram fundamentais para a formação em Pedagogia, além de instigar a conhecer saberes, práticas e conceitos específicos do campo da Educação Especial.

18 - Casas que conversam, um ambiente não formal

Emiliano Zuchetti Teixeira (Estagiário)
Mateus Salvador da Rosa (Estagiário)
Denise Wildner Theves (Orientadora)
Élida Pasini Tonetto (Orientadora)
Curso: Licenciatura em Pedagogia

Este trabalho origina-se da disciplina de Estágio Supervisionado em Geografia II, no Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi realizado no semestre acadêmico 2021/1, em Ensino Remoto Emergencial (ERE) com estudantes que residem no Quilombo do Areal da Baronesa. A experiência foi desafiante por várias razões. No início, as maiores preocupações que tínhamos eram: como trazer à um(a) estudante adolescente, fora do horário e ambiente escolar convencional, conteúdos e conhecimentos geográficos que permeassem seus cotidianos. Tendo em vista a forma de interação não obrigatória, por parte destes jovens com os estagiários, obteve-se um obstáculo maior nas primeiras tentativas de contato, já que, através de uma líder comunitária, conseguiram-se os telefones de mães e avós, que faziam a “ponte”. Para realizar uma primeira aproximação, foi feito um primeiro contato através de mensagens e foi enviado um questionário do Google Forms, mas não se obteve interação com o mesmo. Após, foram marcados horários e dias específicos para um primeiro encontro individual; só assim houve êxito, e por fim, um contato mais direto e assertivo. Falas como: “tu precisas estudar filho”, ou, “isso é importante, meu neto vai fazer sim!”, fizeram acreditar que uma proximidade se iniciava, as casas estavam conversando num ambiente não formal e virtual. Eis que, com uma agenda bem definida, separou-se o joio do trigo. Pôde se estabelecer, então, um Plano de Interação (THEVES; TONETTO, 2021, p. 13). Foi nesse momento que as expectativas academicistas começaram a cessar. Com empolgação, prospectaram-se quais conteúdos e como seriam trabalhados com cada um, tendo consciência que seriam necessárias conversas, e não monólogos tradicionalistas. Como coloca Gohn: [...] “a educação não formal é um processo de aprendizagem, não uma estrutura simbólica edificada e corporificada em um prédio ou numa instituição; ela ocorre via o diálogo tematizado.” (2016, p. 62). De forma a instigar a Fernanda e o Dandrius (nomes fictícios dos alunos), o primeiro encontro foi um exercício de imaginação-reflexão. A atividade consistia, basicamente, em fechar os olhos e imaginar um lugar especial para eles. Nesse primeiro momento foi muito tranquilo, dois dos três adolescentes contatados participaram com gosto e disseram ter adorado a “viagem”. Apenas com algumas poucas palavras e muita escuta, percebemos a relação de vida desses jovens sujeitos com seus locais de origem e múltiplas interações sociais e ambientais. Ambos tornaram-se educadores e educandos. Do segundo encontro em diante, Dandrius parou de nos responder. Fernanda continuou conosco, e tentamos desenvolver algumas atividades com desenhos, mapas, imagens por satélite. Com intuito de criar uma relação espacial além do local, o plano seguido criaria um ambiente onde todos se sentissem à vontade e no direito de compartilhar ideias. Fernanda se demonstrou realmente interessada em conversas que não a sobrecarregasse de tarefas, já que era a irmã responsável, estudante, e ainda haviam se mudado há pouco tempo para um bairro na zona norte da cidade. Quisemos saber sobre suas realidades, tanto a antiga quanto a nova. Ambientar-se noutro lugar e reconhecer novas relações. A sensibilidade e o afeto a um espaço, proporcionados pela licenciatura em geografia, remetem à concepção [...] “que o educador transformador precisa aprender a ser cooperativo, articulado, sensível, descentrado” [...] (THEVES; TONETTO, 2021, p. 7).

19 - O Ensino de Geografia a partir da contação de histórias: prática de Estágio na Escola Municipal Porto Alegre.

Dafne Cavalheiro dos Santos (Estagiária)
Manuela Dimer Duarte (Estagiária)
Denise Wildner Theves (Orientadora)
Élida Pasini Tonetto (Orientadora)
Curso: Licenciatura em Geografia

Este trabalho é parte da realização do Estágio Supervisionado em Geografia II, na Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, semestre 2021/1. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo descrever e refletir sobre as práticas realizadas durante o referido estágio, bem como expor os desafios de realizar atividades por nós licenciandas perante o espaço educativo diverso, que inclui outras formas de ensino/aprendizagem e relações professoras/es/alunos/as, também de realizar as atividades em Ensino Remoto Emergencial (ERE). O estágio foi realizado na Escola Municipal Porto Alegre (EPA) que desde 1995 desenvolve propostas com estudantes em situação de extrema vulnerabilidade social, composta basicamente por adultos e idosos em situação de rua ou que vivem em programas de pensões com aluguel social, sendo que grande parte destes estudantes apresenta algum tipo de comprometimento neurológico. Neste cenário, após serem realizadas reuniões com a coordenação pedagógica e com equipe de professores da escola para conhecer as propostas desenvolvida, bem como os processos de ensinar e aprender e no decorrer do planejamento das aulas para a turma T6 da Educação de Jovens e Adultos (EJA), surgiram alguns questionamentos: De que forma devemos desenvolver propostas neste espaço-tempo de ensino com a flutuação de presença dos estudantes? Como fazer a abordagem do conteúdo, sendo estudantes com diferentes níveis de aprendizado em uma mesma totalidade? Levando em conta estes desafios, com o intuito de buscar construir o conhecimento geográfico junto com estudantes, de forma que fossem significativos, sendo relacionados com as geografias das suas vidas. A docência neste estágio, reafirmou a importância de se planejar propostas que dialoguem com as vivências e conhecimentos de cada estudante. Inseridas na proposta pedagógica e nos pressupostos didáticos dos professores da escola, organizamos as aulas a partir de um assunto geográfico orientador correspondente à totalidade. As aulas se desenvolveram com base na contação de histórias e experiências vividas por eles, com o intuito de construir aprendizados respeitando as subjetividades, seus interesses, seus conhecimentos e também as suas diferentes formas de expressar.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Espaço Educativo Diverso. Desafios. Docência em Geografia.

20 - Relato de estágio docente em química: interações remotas com estudantes de um instituto federal

Fernanda Bianca Hesse (Estagiária)
Carlos Ventura Fonseca (Orientador)
Curso: Licenciatura em Química

Este trabalho relata brevemente as atividades realizadas na atividade ESTÁGIO DE DOCÊNCIA EM ENSINO DE QUÍMICA II – D, a qual se realizou no período de agosto a dezembro de 2021, em um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia situado em uma cidade da serra gaúcha. As atividades desenvolvidas, todas no formato remoto, aconteceram de forma síncrona e assíncrona em três turmas da primeira série dos seguintes Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio: Técnico em Fabricação Mecânica, Técnico em Plásticos e Técnico em Química. No total foram 15 horas de observação virtual do espaço escolar com coleta de dados e participação como ouvinte em aulas síncronas e 45 horas de regência, supervisionadas pelo docente titular do componente curricular Química I. As metodologias aplicadas ao longo das semanas de regência de classe contemplaram estratégias pedagógicas tais como: três momentos pedagógicos, resolução de problemas, aulas expositivas, atividades experimentais, realização de exercícios e estudo de caso. Foram trabalhados conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, sendo que o percentual de participação dos estudantes nos encontros síncronos foi em torno de 50%, enquanto que nas atividades assíncronas, foi em torno de 30%. Essa participação denota o desenvolvimento parcial dos conteúdos trabalhados, representando uma baixa adesão ao sistema remoto de ensino. Destacam-se as atividades realizadas com uma estudante de Plano Educacional Individualizado, a qual participou ativamente dos encontros síncronos individuais, apresentando um bom aproveitamento das interações pedagógicas, demonstrado através das atividades entregues uma boa compreensão dos conteúdos trabalhados. Conclui-se que os objetivos iniciais do ESTÁGIO DE DOCÊNCIA EM ENSINO DE QUÍMICA II – D foram alcançados, pois foram proporcionadas vivências da diversidade de situações pedagógicas, reflexões sobre as práticas docentes no Ensino de Química, no contexto do ensino remoto emergencial.

21 - Experiências da formação docente na Pandemia: entre o retorno das aulas presenciais na Educação Básica e o Estágio Supervisionado em Geografia no Ensino Remoto Emergencial (ERE)

Pedro Henrique Razzia Lira (Estagiário)
Emiliano Zuchetti Teixeira (estagiário)
Mariana Barth Presser (Estagiária)
Élida Passini Tonetto (Orientadora)
Denise Wildner Theves (Orientadora)
Curso: Licenciatura em Geografia

Este resumo busca refletir sobre as experiências originadas no Estágio Supervisionado em Geografia I do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizado junto ao 7º ano1 da Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Novo, localizada no Bairro Rubem Berta, em Porto Alegre - RS. Após meses de pandemia2 e Ensino Remoto Emergencial (ERE), as escolas da rede municipal retomaram suas atividades de maneira presencial, as turmas foram subdivididas em grupos referenciados por cores (verde e vermelha), assim, os mesmos se deslocam até a escola de forma intercalada, levando em consideração as medidas sanitárias. Destaca-se que as vivências no estágio foram desafiadoras devido a forma em que nos encontramos, pois as atividades da escola se encontravam de maneira presencial e a universidade continuava em ERE orientando os acadêmicos a desenvolverem seus estágios de maneira remota. Em vista desse contexto, observamos as aulas do professor de Geografia da turma, que nos acolheu. De princípio, houve uma reunião entre os estagiários e o professor, em que foram partilhadas experiências e realidades do ambiente escolar da EMEF Porto Novo, dessa forma, desenvolvendo um plano de observação para o acompanhamento das turmas, em que se decidiu realizar duas observações e duas abordagens pedagógicas (uma em cada grupo do 7º ano). As observações ocorreram por meio de uma webconferência organizada entre os estagiários e o professor, sendo que nelas, o computador do docente era posicionado de maneira oportuna para a observação do mestre e dos alunos. Primeiramente, se acompanhou o grupo verde, com discussão sobre cidadania e seus aspectos políticos, posteriormente, com o grupo vermelho, tratou-se sobre os setores econômicos e suas mudanças até a contemporaneidade. No final dessas aulas, optamos por dar continuidade aos assuntos abordados, construindo nossas abordagens pedagógicas em torno deles. No grupo verde, elaboramos um plano de ensino apresentando debates sobre indicadores sociais com ênfase no município de Porto Alegre, utilizando ferramentas do laboratório de informática, sites (como o Observa POA) e pesquisas interativas. No entanto, o plano enfrentou percalços como a dificuldade de acesso, nos obrigando a fazer adaptações no plano original e assim, não conseguindo desenvolver as interações desejadas. Com isso, a tecnologia limitou as trocas, mas permitiu exercitar a docência e alguns de seus desafios. A prática pedagógica com o grupo vermelho foi melhor estruturada, desenvolvendo o tema do trabalho no Brasil e suas complexidades, incluindo a realidade da mulher no mercado de trabalho e suas jornadas. Tal assunto desenvolveu a participação da maioria dos alunos, relatando sobre suas perspectivas e construindo conjuntamente um histórico sobre o trabalho doméstico, direcionando o olhar para sua estrutura de gênero e de cor, defrontando com o machismo e o racismo no mundo do trabalho. Isso oportunizou conhecimento sobre como o trabalho doméstico é tratado junto da família dos alunos. Dessa forma, encerramos a experiência de estágio com nossa bagagem repleta de aprendizagens que, apesar da prática remota, foi um experimento completo que nos fez refletir e analisar o vivenciado, construindo com prática reflexiva nossa formação docente.

22 - Jogo de bingo para abordagem dos conceitos de geometria molecular e polaridade: uma estratégia para promover o engajamento no ensino remoto.

Rafael C. Brito (Estagiário)
Andrey L. Czolpinski (Estagiário)
Daniele T. Raupp (Orientadora)
Nathália M. Simon (Orientadora)
Lívia Streit (Orientadora)
Curso: Licenciatura em Química

Nosso objetivo é relatar a experiência do Estágio de Docência em Química III, do curso de Licenciatura em Química. O estágio foi realizado no período de fevereiro a maio de 2021. Uma sequência didática foi aplicada com três turmas da primeira série do ensino médio, totalizando 83 estudantes, de uma escola da rede privada da Região Metropolitana de Porto Alegre. A escola, desde o início da pandemia, em março de 2020, adotou como Ambiente Virtual de Aprendizagem a plataforma Google Sala de Aula e para encontros síncronos o Google Meet. A razão do desenvolvimento dessa proposta centrou-se em dois pilares: na necessidade de minimizar os impactos das aulas online e nas problemáticas a respeito da compreensão dos conceitos de polaridade e geometria. Assim, buscamos estratégias para promover a visualização (com simulador PhET) e para captar a atenção e engajamento dos estudantes nas atividades propostas, optando pela utilização de jogos. Para auxiliar na compreensão de todos os conceitos e investigar possíveis lacunas na aprendizagem, foi organizada uma atividade baseada em um jogo de bingo que buscou promover a interação entre estudantes e com o professor. Cada estudante elaborou uma cartela com nove espaços com uma combinação de geometria com uma de polaridade, podendo escolher entre as geometrias linear, angular, trigonal, piramidal e tetraédrica e entre polar ou apolar, que serviu de exemplo para a atividade: Durante um encontro síncrono com as turmas, era solicitado a um estudante que dissesse um número entre 1 e 30 do qual correspondia a uma molécula específica, numerada previamente. Após a análise da fórmula molecular sorteada, caso correspondesse a uma combinação da cartela, os estudantes deveriam preencher um dos espaços com a representação da mesma. Posteriormente os licenciandos construíam a representação da molécula num quadro branco. O estudante que havia sorteado o número, então, chamava um colega para a escolha de um novo número. O jogo se estendia até o preenchimento total da cartela por algum estudante ou finalização do tempo de aula. Diversas dúvidas surgiram durante o jogo de bingo e essas dúvidas foram solucionadas no mesmo momento pelo docente utilizando um quadro branco. As habilidades de escrita dos elementos, assim como reconhecê-los na tabela periódica foram incentivadas e, inclusive, a diminuição do tempo para desenhar e responder qual era a geometria e polaridade da molécula oferece indícios de que foram aperfeiçoadas ao longo da atividade. Durante a atividade, diversos estudantes perceberam que existiam combinações impossíveis, como a geometria angular com moléculas apolares ou de geometria piramidal com moléculas apolares, entendendo assim a relação da existência de pares de elétrons livres no átomo central com a polaridade. Foram observados poucos desenhos com uma geometria inadequada ou com incoerências. Dessa forma, considera-se que atividade forneceu um recurso que difere dos modelos tradicionais de ensino de química, auxiliando no desenvolvimento das relações estudante-estudante e estudante-professor. Por conta disso, os estudantes sentiram-se protagonistas da atividade, o que culminou numa maior participação. Considerando que o objetivo da atividade foi auxiliar a aprendizagem dos conceitos e incentivar a comunicação por parte dos discentes para que fossem solucionadas possíveis dúvidas, entendemos que o jogo de bingo apresentou potencial de engajamento e de problematização ao criar um ambiente de discussões. Tal atividade cria um momento de confronto entre o querer jogar/participar com o impeditivo de não conseguir desenvolver alguma ideia, que pode variar entre identificar a molécula, desenhá-la ou afirmar sobre sua polaridade. O desconforto desse momento gerou maior participação dos estudantes e diversas reações que variaram entre espanto, alegria e frustração.

23 - Prática de Estágio Docente: entre atividades síncronas e presenciais no retorno gradual da presencialidade da escola

Roberta Leistner Segal (Estagiária)
Graciele Marjana Kraemer (Orientadora)
Liliane Ferrari Giordani (Orientadora)
Curso: Licenciatura em Pedagogia

O presente trabalho objetiva apresentar a experiência formativa nas atividades do estágio supervisionado na Escola Municipal Especial Ensino Fundamental Professor Luiz Francisco Lucena Borges. O estágio foi desenvolvido no segundo semestre de 2021, sendo a prática pedagógica realizada com os alunos da turma AM2. A prática de estágio constitui-se de importantes processos na formação docente, dentre eles, destaco a observação, a participação no planejamento pedagógico e a atuação docente. A partir desses processos, observa-se a relevância das propostas pedagógicas desenvolvidas e de sua inscrição em um planejamento coeso às especificidades dos estudantes. Para tal, estudos de aprofundamento teórico e conceitual subsidiam a prática, além de organizarem um repertório pedagógico que contempla as especificidades de desenvolvimento dos sujeitos com deficiência, tanto nas questões de interação, quanto na aprendizagem. Importa destacar que a diferença enquanto condição subjetiva dos sujeitos escolares, efetiva uma dinâmica pedagógica mobilizada por saberes de distintos campos, entre eles, a Educação Especial. A prática de estágio teve início em Agosto de 2021, este início foi marcado por leituras, estudos e discussões conceituais. Após, ocorreu o encontro e a troca de experiências entre a equipe de professores e a equipe diretiva da escola. Nesse contexto, destaca-se que, o desenvolvimento afetivo e cognitivo dos estudantes requer um ambiente em que se sintam seguros. Esta segurança possibilita que vínculos sejam constituídos com o docente, demais profissionais e a própria instituição escolar. Frente aos desafios instituídos com a pandemia de Covid-19 e a necessidade de suspensão das atividades escolares de forma presencial, o retorno gradual aos espaços escolares, que caracterizou o período de estágio, foi vivenciado de modo singular e distinto pelos estudantes e pelos profissionais da escola. Aos poucos, as crianças foram conhecendo e se apropriando novamente do cotidiano escolar presencial, juntamente com os encontros pedagógicos síncronos desenvolvidos na prática de estágio. Em vista da necessidade de adaptação do estudante ao contexto presencial, tornou-se necessário criar um clima de confiança, segurança e conforto, proporcionando vínculos afetivos e experiências diversificadas, a fim de que os alunos pudessem fortalecer sua autoestima, a integração e desenvolver suas capacidades cognitivas. Foram organizadas atividades envolvendo diferentes áreas de conhecimento inscritas em uma proposta pedagógica de trilha de aprendizagem. Para tal, brincadeiras, atividades psicomotoras, literatura, música e experiências sensoriais, compuseram o repertório e a intencionalidade pedagógica. A construção do vínculo entre educadores e alunos foi o alicerce fundamental, possibilitando a escuta, o olhar e as interações no decorrer da trajetória, para assim, mobilizar aprendizagens e descobertas aos estudantes. Nos estudos desenvolvidos no semestre, destaca-se que a inclusão escolar de estudantes com deficiência não está limitada a espaços físicos, mas às condições de aprendizagem, desenvolvimento, interação e participação promovidas a todos, sem exceção. Em um contexto histórico de excepcionalidade, decorrente da pandemia, muitos são os desafios para a inclusão escolar de estudantes com deficiência. Portanto, para que a inclusão se efetive, o desenvolvimento de práticas sustentadas em saberes de distintos campos e constituídos em rede constitui-se um princípio basilar para o desenvolvimento dos estudantes com deficiência.

